



Projeto Mário Travassos

Artigo de Opinião

**A EXPERIÊNCIA DE DOCÊNCIA NA ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE
OFICIAIS**

Maj Ivo Leandro Botelho Lima

(Opinião de inteira responsabilidade do autor)

2023

A experiência de docência na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais

Ivo Leandro Botelho Lima¹

Introdução

Na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) é comum alguns instrutores confundirem a palavra capacidade com a competência. Ambos os termos têm diferenças expressivas que, na prática do ensino, apresentarão resultados distintos.

Este artigo trará uma experiência vivida por este docente que aprendeu, durante os últimos quatro anos, como o instrutor pode contribuir para a melhoria do processo ensino-aprendizagem no aperfeiçoamento dos oficiais.

A experiência a ser relatada neste artigo envolve o fato deste autor ter chegado na EsAO, ainda como capitão, para ser instrutor de outros capitães do assunto de Emprego da Guerra Eletrônica em Operações, alguns com muita vivência profissional em áreas específicas de Guerra Eletrônica (GE) e Guerra Cibernética (G Ciber), o que se tornou um desafio para o processo de ensino-aprendizagem justamente pela confusão dos termos competência e capacidade.

Nesse sentido, tive que me valer dos conhecimentos ministrados no Estágio de Atualização Pedagógica (ESTAP), das legislações que tratavam do assunto e da experiência e orientação de Coordenadores Pedagógicos que, periodicamente, realizavam visitas nas salas de aula para verificarem o andamento do processo de ensino-aprendizagem.

Desenvolvimento

Antes de mais nada, gostaria de situar o leitor que o Ensino por Competências foi implementado na EsAO há quase dez anos, só que os conceitos envolventes desse tema ainda estão em desenvolvimento.

¹ Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Pós-graduado *Lato Sensu* em Guerra Eletrônica pelo Centro de Instrução de Guerra Eletrônica (CIGE). Major do Exército Brasileiro. Instrutor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. E-mail: ivoleandro.lima@eb.mil.br

Primeiramente gostaria de pontuar que, ao chegar na sala de aula para a primeira instrução, tive dificuldades de distinguir a capacidade de Guerra Eletrônica que alguns discentes já traziam de suas experiências profissionais das competências necessárias para que um capitão aperfeiçoado pudesse realizar o planejamento de emprego da GE.

Convém lembrar que alguns autores descrevem bem a diferença entre os termos capacidade e competência, com destaque para Phillippe Jonnaert, que aborda a relação entre esses conceitos:

Numerosas definições de competência começam por afirmar que a competência é a capacidade de...Ora, estes conceitos, capacidade e competências, situam-se em níveis semânticos diferentes. A competência engloba a capacidade. O inverso não é verdadeiro (JOONAERT; BARRETE; BOUFRAHI; MASCIOTRA, 2005, p. 7).

Dessa forma, é possível destacar a competência como “a ação de mobilizar recursos diversos, integrando-os, sinérgica e sincronicamente, para decidir e atuar em uma família de situações” (BRASIL, 2022).

Nesse íterim, podemos entender que capacidade é a aptidão para realizar uma tarefa ou resolver um problema, enquanto competência é a mobilização de recursos cognitivos, afetivos, sociais e culturais para enfrentar situações complexas e variadas. No caso específico da EsAO, como alguns alunos já chegavam com uma vasta experiência nas áreas afetas à arma de Comunicações, tive que aprender a trabalhar com as competências, despertando os conhecimentos, habilidades e atitudes no emprego tático.

Na prática, aproveitei as capacidades dos alunos especialistas nas diversas áreas para desenvolver as competências, agregando mais robustez ao processo de ensino-aprendizagem. Por exemplo, quando levantava temas sobre o apoio da GE nas Operações Defensivas, após passar os fundamentos desse tipo de operação, solicitava a um aluno que sugerisse uma solução para esse apoio, visando os aspectos técnicos.

Após a resposta do aluno, era apresentado como os aspectos técnicos se relacionavam com os aspectos táticos, contextualizados com uma situação cotidiana da vida de um oficial da Arma de Comunicações.

De uma forma geral, a maioria dos alunos tinha dificuldade em perceber a manobra completa, entretanto, com a ajuda dos capitães especialistas e a minha orientação, eles superavam os desafios e atingiam as metas de aprendizagem estabelecidas.

Esse fato é confirmado por Libâneo (1998, p.29) que afirma que o professor é o mediador da relação ativa do aluno com o objeto de estudo, levando em conta não só os conteúdos específicos de sua disciplina, mas também o conhecimento, a experiência e o significado que o aluno já possui, bem como seu potencial cognitivo, sua capacidade e interesse, sua forma de pensar e de trabalhar.

Conclusão

Em virtude do que foi mencionado, posso afirmar que consegui apreender a diferença entre uma capacidade específica que o aluno da EsAO possuía com a competência que ele precisava adquirir.

Dentro do ensino por competências, observei que o desenvolvimento das diversas habilidades, somadas ao conhecimento, contribuem para o melhoramento do processo ensino-aprendizagem.

Foi possível constatar também que a utilização de uma contextualização, por intermédio de uma situação-problema, permitia que o capitão aluno produzisse soluções bem próximas de uma situação real de operações, demonstrando mais uma vez o sentido do ensino por competências, conforme descreve as Instruções Reguladoras do Ensino por Competências - IREC–EB60-IR-05.008:

Art. 3º O desenvolvimento das competências está relacionado à solução sistemática de situações-problema que oferecem ao aluno um repertório de esquemas mentais que oportunizam o fundamento para que, frente a uma situação real, sejam mobilizadas as competências necessárias a uma solução adequada.

Além disso, através de questões sobre situações do dia a dia, pude verificar o entendimento dos capitães sobre os conhecimentos adquiridos, confirmando que o ensino por competência “é contextualizado em situações passíveis de serem vivenciadas pelo discente, quando de sua atuação profissional ou em sua vida cotidiana” (BRASIL, 2022).

Dado o exposto, posso concluir que este artigo compartilhou a trajetória deste instrutor que descobriu, ao longo dos últimos quatro anos, como o mediador pode colaborar para a qualidade do processo educativo no desenvolvimento dos oficiais.

Referências

BRASIL. Exército. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **EB60-IR-05.008** Instruções Reguladoras do Ensino por Competências (IREC). 4. ed. Rio de Janeiro, RJ. 2022.

JOONAERT, Philippe; BARRETE, Johanne; MASCIOTRA, Domenico; YAYA, Mane; 2005, p. 7). Publicação do Observatório das Reformas da Educação. **Revisando o conceito de competência como princípio organizador de programas de estudo: da competência à ação competente.** 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/237385691_Publication_of_the_Observatoie_des_Reformes_en_Education_Revisiting_the_Concept_of_Compotence_as_an_Organizing_Principle_for_Programs_of_Study_From_Compotence_to_Compotent_Action>. Acesso em: 13 de agosto de 2023.

LIBÂNIO, Jose Carlos. Didática. Editora Cortez. São Paulo, SP. 1998.